

# Reflexos do Concílio Vaticano II na Igreja Contemporânea

*Diane de Carvalho Machado*<sup>1</sup>  
*Vinicius Couzzi Mérida*<sup>2</sup>

## RESUMO

Diante das grandes transformações ocorridas no século XX, que colocaram em xeque o modelo eurocêntrico imperialista, colonialista e capitalista, o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, considerado um marco na história da Igreja Católica devido às grandes mudanças que provocou dentro e fora da instituição. O objetivo deste estudo foi analisar os reflexos deste concílio na Igreja e na sociedade moderna. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, apresentando informações buscadas em livros, artigos e demais materiais constantes em bases de dados científicas, considerando os trabalhos disponíveis na íntegra, sem limitação de data ou idioma.

## PALAVRAS-CHAVE

Vaticano II. Liturgia. Ecumenismo. Liberdade Religiosa.

## ABSTRACT

In view of the great transformations that took place in the 20th century, which called into question the Eurocentric, imperialist, colonialist and capitalist model, Pope John XXIII called the Second Vatican Council, which is considered a milestone in the history of the Catholic Church

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória e Doutorando em Ciências das Religiões pela PUC Minas. Bolsista CAPES. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

due to the great changes it has outside the institution. In this context, the objective of this study was to analyze the reflexes of this council in the church and in modern society. The study was carried out through a bibliographical research, with a qualitative approach, presenting information sought in books, articles and other materials contained in scientific databases, considering the works available in full, without limitation of date or language.

### **KEYWORDS**

Vatican II. Liturgy. Ecumenism. Religious Freedom.

## **1. Introdução**

Ao longo dos séculos, a Igreja passou por três grandes reformas, promovidas diante da necessidade de mudanças no modelo vigente: a gregoriana, no século VI; a protestante e tridentina, nos séculos XV e XVI; e a vaticana, com o Concílio Vaticano II, no século XX<sup>3</sup>.

O mundo moderno, ao longo do tempo, sofreu mudanças que alteraram completamente a forma de viver e pensar, a começar pela Revolução Francesa, passando pela Revolução Industrial, até a Revolução Tecnológica do século XX, com fortalecimento do capital e do trabalho em razão do crescimento industrial, levando a uma busca crescente pela racionalidade.

No século XIX, a Igreja convocou o Concílio Vaticano I como forma de afirmar e fortalecer a fé Católica. No entanto, ao combater o racionalismo, o ateísmo e o materialismo, além de promulgar o dogma da infalibilidade papal, manteve-se distante da realidade dos seus fieis<sup>4</sup>.

Até então, os sumos pontífices da Igreja Católica se apresentavam como governantes conservadores, liderando uma instituição que não se

---

<sup>3</sup> PINHO, A. O Concílio Vaticano II e a Modernidade. *Humanística e Teologia*, v. 34, n. 1, p. 133-42, jun. 2013, p. 138.

<sup>4</sup> ARRAES, V.C. De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 42, n. 165, p. 77-98, 2005.

coadunava aos novos tempos, mostrando-se até mesmo contrária à modernidade, por entendê-la como passível de reduzir ou acabar com a sua influência, tornando mais frágil uma religião historicamente poderosa e inquestionável<sup>5</sup>.

Após celebrar uma missa na festa da Conversão de São Paulo, na Basílica de São Paulo Extramuros, em 25 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII comunicou sua pretensão de realizar um Concílio Ecumênico. Tal anúncio causou surpresa, haja vista ter assumido o papado em idade avançada, sendo considerado como um “Papa de transição”, além da Cúria Romana não considerar necessário outro Concílio, considerando que o pontífice poderia realizar as mudanças que considerava necessárias<sup>6</sup>.

Naquele momento, já se considerava insustentável o discurso de condenação e reprovação adotado pela Igreja, sendo necessário, na visão do pontífice, um diálogo com a sociedade contemporânea que, apesar dos avanços alcançados na ciência, estava relegando a um segundo plano os valores espirituais.

Assim, mostrava-se profundamente relevante que a Igreja dialogasse com a sociedade e ouvisse seus fieis. Para tanto, era necessária uma reorganização e *Aggiornamento* (atualização), possibilitando uma reflexão mais profunda sobre a visão que a igreja possuía de si mesma e de como era vista pelo meio social.

O Concílio Vaticano II é considerado um marco na história da Igreja Católica devido às grandes mudanças que provocou dentro e fora da instituição. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi analisar os reflexos deste concílio na Igreja e na sociedade moderna. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, apresentando informações buscadas em livros, artigos e demais materiais constantes em bases de dados científicas, considerando os trabalhos disponíveis na íntegra, sem limitação de data ou idioma.

---

<sup>5</sup> ALBERIGO, G. (Org.). *História dos Concílios ecumênicos*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 394.

<sup>6</sup> ALBERIGO, 1995, p. 394.

## 2. Os antecessores de João XXII e a Ordem Mundial na primeira metade do Século XX

O século XX foi marcado por grandes transformações, ocasionadas pelos eventos significativos que tiveram lugar no período, a começar pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que colocou em xeque o modelo eurocêntrico imperialista, colonialista e capitalista, elevando, ao final do conflito, os Estados Unidos a potência econômica e política. No mesmo período, o mundo assistiu à derrubada de um regime monárquico e a ascensão do socialismo na Rússia, configurando uma nova geopolítica mundial<sup>7</sup>.

O início da Primeira Guerra coincidiu com a eleição do papa Bento XV ao trono da Igreja (1914-1922). Este optou pela neutralidade, limitando-se à conclamação da paz e ao cuidado aos feridos, independente das nacionalidades, tentando, sem sucesso, a negociação da paz ao final do conflito, no entanto, a Igreja foi excluída dessas negociações. Os anos seguintes, marcados por crises econômicas e instabilidade política em toda a Europa, levou o pontífice a uma reforma administrativa na Igreja, a fim de que esta se adaptasse à nova ordem mundial<sup>8</sup>.

Em 1922, com a morte de Bento XV, teve início o pontificado de Pio XI (1922-1939). Os regimes totalitários que ascenderam ao poder no período entre-guerras (fascismo, nazismo, franquismo, stalinismo) impunham sérias restrições à Igreja. Na Itália, Mussolini se mostrava claramente contrário ao catolicismo, apesar de ter suavizado seus discursos diante da maioria da população do país professar essa religião.

Quando da eleição do novo papa, Pio XI, o mundo católico italiano encontrava-se dividido: de um lado, a hierarquia da Igreja, liderada pelo Secretário de Estado, Cardeal Gasparri, que esperava que o novo governo ajudasse a Santa Sé a resolver a situação de precariedade em que se encontrava há mais de 50 anos; de outro, grupos de

<sup>7</sup> SOUZA, N.; GONÇALVES, P.S.L. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 101-102.

<sup>8</sup> SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 101.

católicos e sacerdotes que se colocavam em clara oposição ao partido fascista<sup>9</sup>.

Por entender que, naquele momento, Mussolini era o único capaz de combater a ameaça socialista, mantendo a ordem, Pio XI não era contrário ao fascismo, apesar de entender os perigos do regime. Assim, diante das agressões sofridas pelos representantes católicos pelas organizações fascistas, o pontífice delegava tais incidentes à base política, eximindo o líder fascista de qualquer responsabilidade<sup>10</sup>.

Em 1929, foram assinados entre a Santa Sé e o governo os acordos de Latrão, que envolviam um Tratado, onde Roma foi reconhecida como capital da Itália e a Santa Sé tornava-se soberana do Estado do Vaticano; uma Convenção Financeira, indenizando a Igreja pela perda de territórios; e uma Concordata, onde a religião católica tornou-se a única religião na Itália<sup>11</sup>. Com a indenização recebida na convenção financeira, Pio XI criou, em 1931, a Rádio Vaticano, tornando possível uma maior aproximação entre a Santa Sé e os fiéis de todo o mundo.

Com o falecimento de Pio XI, em 1939, tem início o pontificado do Papa Pio XII, considerado o último pontífice adepto do antimodernismo, mantendo o conservadorismo dos seus antecessores. A igreja, através dos seus discursos, mensagens e encíclicas, rejeitava as teorias existencialistas, evolucionistas e historicistas, além de intervir na teologia por meio da censura a teólogos como Yves Congar, Marie-Dominique Chenu, Henri-Marie de Lubac e aos padres operários franceses, sacerdotes que optaram por viver e trabalhar junto aos operários, nas mesmas condições, movimento que foi proibido em 1954<sup>12</sup>.

Seu papado atravessou um período conflituoso do século XX, marcado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e pela Guerra Fria (1945-1991). Com sua postura claramente anticomunista, Pio XII chegou

---

<sup>9</sup> CARLETTI, A. *O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias*. Brasília: FUNAG, 2012, p. 102.

<sup>10</sup> CARLETTI, 2012, p. 102.

<sup>11</sup> SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 103.

<sup>12</sup> BENQUET, P; CAMDESSUS, C. *A Guerra Perdida do Vaticano II*. [Filme-Vídeo]. Produção de Christine Camdessus e direção de Patrick Benquet. Paris. Canal France 3, 2012. 87 min. Color. Son.

a condecorar o General Franco, da Espanha, mantendo-se também alinhado aos regimes totalitários que surgiam na Itália e Alemanha. No entanto, diante da iminência da eclosão de outro conflito mundial, tentou, sem êxito, uma pacificação entre as potências europeias.

Nesse contexto, durante todo o período da Segunda Guerra, atuou buscando “extirpar a ideologia comunista e derrubar o país dos soviets, unir e mobilizar as potências capitalistas em vista de uma cruzada anticomunista”<sup>13</sup>.

### 3. O Papa João XXIII e a convocação do Concílio Vaticano II

Com a morte de Pio XII, é eleito o Papa João XXIII. Ao contrário da eleição anterior, onde os acontecimentos mundiais exerciam maior interesse, o mundo observava com atenção a escolha do novo pontífice. Por não se identificar com a ala progressista da Igreja, além de possuir idade avançada, os setores mais conservadores o viam com bons olhos, por acreditarem que não promoveria mudanças significativas, por isso causou surpresa quando, somente três meses após sua ordenação, anunciou a realização de um novo concílio.

A Cúria Romana, apesar da evidente necessidade de continuação às reformas produzidas pelo Concílio Vaticano I, não desejava dividir com os Bispos a tomada de decisões que acreditava caber exclusivamente à própria Cúria.

Desde o início do seu pontificado, João XXIII demonstrou disposição para dialogar com os fieis e com a sociedade, mantendo diálogo com todas as crenças e governos. Fato claro desta intenção ocorreu por ocasião da Revolução Cubana, quando se negou a romper relações diplomáticas com aquele país, após a vitória de Fidel Castro<sup>14</sup>.

Desde o início de seu pontificado, portanto, o papa “recusou-se a condenar o comunismo e buscou o diálogo com governos até então considerados por alguns críticos ocidentais como os piores e mais perigosos inimigos da humanidade”<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> GRIGULÉVCH, I. *El papado, siglo XX*. Moscú: Progreso, 1982, p. 149.

<sup>14</sup> CARLETTI, 2012, p. 130.

<sup>15</sup> CARLETTI, 2012, p. 132.

Ao conclamar um novo concílio, João XXIII tinha como objetivo atualizar a Igreja, tornando o cristianismo mais presente e atuante, entendendo que, para tanto, as mudanças eram necessárias. Para o atual pontífice, a Igreja deveria reconhecer suas falhas e virtudes e se abrir ao diálogo, inclusive com aqueles que possuíam visões distintas sobre a mesma. Nesse contexto, buscou dialogar com líderes religiosos de outras crenças; nomeou Cardeais de outros continentes, quebrando a tradição de nomeação somente de italianos, tendo sido o primeiro papa a nomear um cardeal negro; e buscou o diálogo com a antiga União Soviética<sup>16</sup>.

Por se tratar de um concílio ecumênico, foi criado o secretariado para a Unidade dos Cristãos, a fim de estabelecer conversação entre as igrejas cristãs, para que estas tivessem representação no concílio. No Concílio Vaticano I, estas religiões cristãs também haviam sido convidadas, no entanto, para efetivarem sua participação lhes era exigido que reconhecessem seus erros e retornassem à Igreja Católica. No entanto, naquele momento, foram convidadas respeitando suas profissões de fé, como irmãs ligadas devido à fé em Jesus Cristo. Apesar de não terem direito a voto, puderam participar como observadores, tendo havido a presença de 17 destas religiões<sup>17</sup>.

O concílio foi oficialmente aberto em 1962, no entanto, entre 1959 e esta data, passou por uma fase preparatória, onde foram formadas as comissões. A comissão preparatória, em busca do diálogo com a sociedade, enviou formulários aos bispos, faculdades católicas de teologia e de direito canônico em todo o mundo e dicastérios da Santa Sé, a fim de saber que assuntos deveriam ser abordados no concílio. Há diversidade de respostas, envolvendo um grande rol de questões relacionadas à realidade de cada local, aos problemas administrativos e canônicos, defesa da doutrina tradicional e questão social, dentre outras<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> MATTEI, R. *O Concílio Vaticano II: Uma história nunca escrita*. 1ª ed. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2013, p. 403. Cf. também SOUZA, 2004, p. 25

<sup>17</sup> PAPAJOÃO PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio sobre o Ecumenismo*. 1964. Disponível em [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html). Acesso em: 13 ago. 2018.

<sup>18</sup> MATTEI, 2013, p. 114.

#### 4. As deliberações do Concílio

Em 11 de outubro de 1962 teve início a primeira sessão, contando com a participação de 2540 padres conciliares com direito a voto, número expressivo e inédito em concílios. Este número sofreu alterações no decorrer das sessões, devido a substituições, falecimentos, nomeações e impedimentos ocasionados por regimes ditatoriais no país de origem de padres conciliares<sup>19</sup>.

João XXIII, em seu discurso de abertura do concílio, reafirmou os objetivos do mesmo, quais sejam de diálogo e aproximação com o mundo moderno, a promoção da unidade cristã, a exposição da Teologia da Igreja e sua renovação interior<sup>20</sup>. Enquanto a Cúria Romana mantinha-se conservadora e se opunha às propostas de abertura, os bispos de outras partes do mundo eram progressistas e mais abertos às mudanças<sup>21</sup>.

Apesar do segredo conciliar imposto na primeira sessão do Concílio Vaticano II, os jornalistas, que seguiam as várias sessões, recebiam notícias confidenciais de alguns de seus prelados confidentes que revelavam à imprensa os jogos políticos dos conservadores, muitas vezes desconhecidos pelos próprios integrantes. Isso acabou influenciando o desenvolvimento do Concílio, pois tais publicações acabavam provocando revoltas internas que permitiram mudar os destinos do Concílio já traçados pelos seus opositores<sup>22</sup>.

Apesar de haver uma maioria europeia entre os conciliares, ali estava representada a universalidade da igreja. Por ocasião da eleição das comissões conciliares, proposta surgida durante a Congregação Geral, estas eram compostas por 83 europeus, 26 latino-americanos, 25 norte-americanos, sete africanos e 19 asiáticos e da Oceania. Também foram nomeados por João XXIII subsecretários de diversos países, internacionalizando ainda mais o concílio<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> SOUZA, 2004, p. 33.

<sup>20</sup> ALBERIGO, 1995, p. 395.

<sup>21</sup> SOUZA, 2004, p. 34

<sup>22</sup> CARLETTI, 2012, p. 133.

<sup>23</sup> SOUZA, 2004, p. 35.

Pode bem dizer-se que este Concílio foi o mais ecumênico de todos, na medida em que estiveram representantes das Igrejas de todos os continentes, em grande dimensão e representatividade. Se pensarmos que os Concílios antes de Trento apenas tiveram praticamente representantes europeus, que Trento, no século XVI, não foi muito mais além e que o Vaticano I teve uma reduzida representação de fora da Europa, podemos dizer que o primeiro Concílio verdadeiramente representativo da *oicumene*, que para os gregos representava toda a terra habitada, foi o Vaticano II<sup>24</sup>.

Em maio de 1963, o mundo recebeu a notícia da grave doença de João XXIII, que faleceu devido a um câncer no estômago, tendo seu pontificado a duração de 4 anos, 7 meses e 6 dias. Sua morte foi destaque na imprensa internacional, deixando clara sua relevância no mundo moderno, especialmente em sua mediação entre as grandes potências no período da Guerra Fria. No entanto, na ala conservadora da Cúria Romana, este fato poderia ser benéfico, se levasse ao encerramento do concílio.

Ao relatar o que observava no interior do Vaticano, um repórter afirmou que era possível perceber um sentimento de alívio de alguns prelados “sob a máscara de um luto de circunstância. A sua ação foi fortemente combatida e não eram poucos os que desejavam que o sucessor não convocasse de novo o Concílio e uma nova sessão”<sup>25</sup>.

Coube a Paulo VI, eleito em um conclave que durou apenas 42 horas, a decisão de continuar o concílio, o que agradaria principalmente os bispos dos outros continentes que eram favoráveis à renovação da igreja, ou encerrar as sessões, de acordo com a vontade da ala conservadora da Cúria. A opção do novo pontífice foi adotar um reformismo controlado, alternando conservadorismo e abertura de forma diplomática<sup>26</sup>.

Ao final das quatro sessões, os padres conciliares aprovaram quatro constituições: *Dei Verbum*, tratando da Tradição e fontes de revelação; *Lumen Gentium*, focando a relação da Igreja *ad intra*; *Gaudium et Spes* abordando a relação da igreja com o mundo moderno e sobre a pastoral,

<sup>24</sup> PINHO, 2013, p. 139.

<sup>25</sup> ZIZOLA, G. *Santità e potere*. Milão: Sperling & Kupfer, 2009, p. 47.

<sup>26</sup> RENDINA, C. *I Papi. Storia e segreti*. Milão: Grandi Taascabili Economici Newton, 1993, p. 663.

*ad extra*; e a *Sacrosanctum Concilium*, que tratou da liturgia. Também foram aprovados nove decretos e três declarações<sup>27</sup>.

Uma das formas de se buscar a aproximação da igreja com seus fieis foi através da mudança na liturgia, entendendo que a missa rezada em latim, com o sacerdote de costas para o povo, não mais atendia à realidade moderna, pois deixava os fieis alheios às celebrações. A proposta de mudança litúrgica foi alvo de grandes debates entre progressistas e conservadores<sup>28</sup>:

Naquele momento, a finalidade pastoral proposta por João XXIII começava a ganhar contornos mais claros. A proposta da reforma litúrgica foi além do missal romano, os membros dessa comissão propuseram reforma do breviário: uma melhor escolha e divisão das leituras da Bíblia; abolição das festas dos santos do calendário litúrgico em função do ano cristocêntrico; reforma da música sacra e das artes, do calendário litúrgico e que a Páscoa se tornasse um ponto fixo no calendário. A votação aconteceu no dia 14 de novembro, a maioria esmagadora dos padres conciliares aprovou a reforma do texto. Nesse momento, teve início o processo de reforma litúrgica que culminaria com a elaboração do Novo Missal Romano, em 1969<sup>29</sup>.

Outro ponto polêmico dizia respeito às Fontes da Revelação e a fundamentação da fé católica, havendo discordância entre os grupos conservadores e progressistas, que defendiam uma maior inserção da Bíblia na liturgia.

A discussão girava em torno de duas importantes questões: era necessário afirmar, contra os protestantes, que são duas as fontes da Revelação: a Escritura e a Tradição. Era necessário afirmar que alguns eram dogmas fundamentados somente na Tradição ou afirmar

<sup>27</sup> ALBERIGO, 1995, p. 395; SOUZA, N.; GOMES, E.S. Os Papas do Concílio Vaticano II e a Sociedade Contemporânea. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 5-27, jan./abr 2014, p. 6.

<sup>28</sup> MATTEI, 2013, p. 199; WILTMEN, R. *O Reno se lança sobre o Tibre: O Concílio desconhecido*. Niterói: Permanência, 2007, p. 9.

<sup>29</sup> MÉRIDA, V.C.; RESGALA JÚNIOR, R.M. O Concílio Vaticano II e o Aggiornamento da Igreja Católica. *Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico*, v. 1, n. 3, p. 211-40, 2017, p. 234.

que a única fonte da Revelação é a Palavra de Deus, que é alcançada através de dois canais, a Escritura inspirada pelo Espírito Santo e a Tradição transmitida pela Igreja? Esse tipo de afirmação agravaria a situação com os protestantes e ameaçava a reconciliação ecumênica. Além disso, abriu-se uma controvérsia entre os professores da Pontifícia Universidade Lateranense e os membros do Pontifício Instituto Bíblico. Diferentemente daquilo que havia acontecido com o esquema sobre a liturgia, que suscitara a oposição dos tradicionalistas, agora eram os progressistas que protestavam. Alguns padres conciliares refutaram completamente o esquema e propuseram um outro que já estava pronto. Outros solicitaram uma reelaboração completa e expuseram os pontos fundamentais que deveriam ser considerados no trabalho de revisão<sup>30</sup>.

Outros pontos firmemente debatidos pelo Concílio diziam respeito à colegialidade episcopal, o diálogo ecumênico e a Igreja enquanto povo de Deus, tendo havido divergência entre os bispos da Europa Central e a Cúria Romana.

No que se refere à colegialidade episcopal, enquanto os progressistas reivindicavam maior autonomia dos bispos nas decisões internas, os conservadores defendiam a decisão do Concílio Vaticano I sobre a primazia do Papa<sup>31</sup>.

As controvérsias envolvendo o ecumenismo diziam respeito à relação da Igreja Católica com o Protestantismo e as Igrejas Ortodoxas, o Judaísmo e a liberdade religiosa, pois, diferente de concílios anteriores, caminhou em direção diversa daquela sustentada até então de que fora da Igreja Católica não haveria salvação<sup>32</sup>.

A maior participação dos leigos na pastoral da Igreja foi uma preocupação conciliar. A questão do diaconato permanente foi aprovada pelo Concílio Vaticano II, assim, a concepção de uma Igreja menos hierárquica, mas mais inclusiva ganhou espaço e a concepção de “Povo de Deus” fundamentada no sacerdócio comum<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> SOUZA, 2004, p. 37-38.

<sup>31</sup> SOUZA, 2004, p. 45.

<sup>32</sup> SOUZA, 2004, p. 49.

<sup>33</sup> SOUZA, 2004, p. 45.

A terceira sessão do Concílio votou questões importantes e delicadas e também foi marcada por posicionamentos opostos entre os conciliares, tendo sido tratados pontos sensíveis, como a colegialidade episcopal e o ecumenismo, questões não resolvidas na sessão anterior<sup>34</sup>.

Decidiu-se, nesta sessão, a liberdade religiosa e a questão dos judeus, tendo estes sido absolvidos do pecado de deicídio, recebendo apoio pela manutenção do Estado de Israel, e o racismo foi condenado. Em 1965, ao discursar na Organização das Nações Unidas (ONU), Paulo VI exortou a pluralidade e a necessidade de uma existência pacífica entre os povos, não tomando partido entre as duas grandes potências capitalista e socialista<sup>35</sup>.

A quarta e última sessão do Concílio votou as questões que ainda não haviam sido finalizadas anteriormente, além de definir a confirmação do celibato clerical, a educação cristã e ter substituído o nome de Santo Ofício (Inquisição) para Congregação da Doutrina pela fé, abolindo o Índice, índice dos livros proibidos.

Assim, no decurso das suas quatro sessões, de 1962 a 1965, o Concílio produziu dezesseis documentos. Ao se destacar os que trouxeram mais mudanças dentro e na Igreja, ao lidar com o mundo moderno, podem ser agrupados de acordo com quatro temas: a liturgia, a autocompreensão da Igreja, a Igreja num mundo pluralista e a missão da Igreja no mundo<sup>36</sup>.

## 5. Reflexos do Concílio ao longo do tempo

Do Concílio Vaticano I até o Vaticano II, o mundo sofreu transformações substanciais em sua configuração geopolítica, ocasionadas por dois conflitos mundiais, derrubada de governos e o surgimento de um cenário ideológico bipolar entre capitalismo e socialismo. Tais mudanças afetaram também a Igreja, fazendo surgir uma corrente que entendia a

<sup>34</sup> SOUZA, 2004, p. 58.

<sup>35</sup> SOUZA, 2004, p. 55.

<sup>36</sup> SCHREITER, R.J. *The paradox of Vatican II: theology in a new Millennium*. 2002. Disponível em: [https://www.cppsmissionaries.org/download/history\\_and\\_archives/Vatican2.pdf](https://www.cppsmissionaries.org/download/history_and_archives/Vatican2.pdf). Acesso em: 12 ago. 2018, p. 2.

necessidade de um maior diálogo com estes novos tempos. No entanto, havia a resistência daqueles que defendiam o tradicionalismo, anteriormente reforçado pelo Concílio Vaticano I. O entendimento dessas forças contrárias explica os debates e entraves vivenciados por ocasião das deliberações e que se refletem até os dias atuais, passado mais de meio século desde o encerramento dos trabalhos do Concílio Vaticano II, em 1965.

Se, em épocas anteriores, a Igreja havia rompido seu diálogo com o mundo moderno, neste momento buscou uma aproximação entre o pensamento contemporâneo e a fé.

Evidentemente, semelhante abertura não acontece sem crises, à primeira vista parece que a Igreja renuncia ao que, até aqui, constituía a sua força erigindo-a a um ponto de atração para muitos espíritos des-  
pertos e dela fazendo o lar para todos os que aspiravam por segurança<sup>37</sup>.

Um dos pontos fundamentais do Concílio foi a admissão e definição da liberdade religiosa, reivindicação que vinha sendo feita por diferentes associações desde o século XVIII e anteriormente condenada pelos papas anteriores<sup>38</sup>: “Ao reconhecer a independência das esferas da cultura e ao pronunciar-se pelo princípio da liberdade religiosa, o Concílio aproveita e acolhe como cristãmente legítimos, motivos decisivos do Iluminismo”<sup>39</sup>.

O Concílio permitiu uma nova consciência universal, rompendo com o pensamento de uma Igreja Ocidental centrada em Roma, para uma valorização da diversidade cultural e étnica, da contribuição colegial, da co-responsabilidade e do diálogo nas estruturas organizativas, na liturgia, na teologia e na fé<sup>40</sup>.

O Concílio Vaticano II não apenas transformou internamente a Igreja como teve também um papel importante na transmissão de uma série de diretrizes sobre os problemas que, na época, mais afetavam

<sup>37</sup> KASPER, W. *Introdução à Fé*. Porto: Telos, 1973, p. 17.

<sup>38</sup> PINHO, 2013, p. 136.

<sup>39</sup> KASPER, 1973, p. 17.

<sup>40</sup> LIBANIO, J.B. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. *Cadernos Teologia Pública*, v. 2, n. 16, p. 1-36, 2005, p. 33.

o mundo, incitando a uma tomada de posição por parte dos católicos – ministros ordenados e, sobretudo, leigos -, que tinham a responsabilidade de difundir os valores cristãos da paz, liberdade e respeito pela pessoa humana<sup>41</sup>.

A crença na possibilidade de um grande projeto de reforma da sociedade era forte. Católicos mergulharam na tarefa de implementar o trabalho do Concílio com grande entusiasmo. No norte da América e Europa, o interesse em encontrar formas mais adequadas de culto, uma maior voz leiga na Igreja, a reforma dos institutos religiosos, e a busca pela justiça estimulou muitos fieis. Na América Latina, o encontro dos bispos em Medellín, em 1968, sinalizou um novo compromisso com os pobres e com a causa de sua libertação da pobreza e da opressão. Na Ásia, o interesse pelo diálogo inter-religioso aumentou sensivelmente. Na África, o papel missionário estava sendo reavaliado à luz do ensino<sup>42</sup>.

Para o católico comum, as mudanças provocadas pelo Concílio foram sentidas primeiramente na celebração das missas e no encorajamento e convite para que os fieis se envolvessem mais ativamente na celebração e, gradualmente, os leigos foram conclamados a distribuir a Santa Comunhão. Tais mudanças foram calorosamente bem recebidas pelos católicos, entretanto, alguns cardeais, bispos, padres e leigos, não aprovavam esta nova missa<sup>43</sup>.

Observa-se, portanto, que a euforia ocorrida ao final do Concílio não foi unânime, havendo uma parcela de religiosos que acreditava que a renovação havia ido longe demais para estar em sintonia com a modernidade, temendo pela identidade da Igreja e pela sua diluição. Enquanto os progressistas, liderados por um grupo de teólogos que tinham sido influentes na ala progressista, fundaram a revista internacional *Concilium*, a fim de continuar a renovação na teologia que o concílio havia

<sup>41</sup> AZEVEDO, A.C. Sob ventos de mudança: o impacto do Concílio Vaticano II na oposição dos católicos «progressistas» ao Estado Novo português (1965-1974). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1148-1168, dez. 2011, p. 1149.

<sup>42</sup> SCHREITER, 2002, p. 12.

<sup>43</sup> KOCH, C.; PENNOCK, M. *From Vatican II to the present*. 2014. Disponível em: <http://uploads.weconnect.com/mce/f90a34bcd66e597a5d391005bf1e14a7c70f1d2c/FatherTobinsWritings/PART%2020%20FROM%20VATICAN%20II%20TO%20THE%20PRESENT%20JAN%202014%20tp2.pdf>. Acesso em: 2 set. 2018.

endossado, também foi criada a revista internacional *Communio*, com o intuito de defender o tradicionalismo e combater o que foi sentido como sendo o tom excessivamente progressivo do concílio<sup>44</sup>.

Interpretando a partir de uma perspectiva histórico-sociológica, é possível compreender o Vaticano II como um momento de inflexão de um movimento de divisão interna do catolicismo moderno: o chamado progressismo católico, ligado à visão de mundo marcadamente otimista em relação às promessas da modernidade, estendidas para o interior do orbe católica, e certo conservadorismo católico, negador de qualquer possibilidade de construção de pontes entre o catolicismo e os valores modernos, entendidos, *grosso modo*, como demoníaco e anticristão<sup>45</sup>.

Dentre os conservadores, os pontos mais combatidos na reforma dizia respeito à liturgia, entendendo que o mais grave nessa questão não era o desuso do latim nas celebrações, mas ser uma orientação próxima da concepção protestante; ao comunismo, que entendiam como uma alienação do homem em relação aos homens, levando a uma ditadura do Estado; e a tradição, que existente há vinte séculos, não demandava mudanças<sup>46</sup>.

Tal situação acabou por criar um cisma, existindo locais onde a Igreja tradicionalista e a progressista não obedeciam ao mesmo bispo e não interagiam. Os mantenedores da Igreja Tradicional reivindicavam o direito de manter a tradição anterior ao concílio e de obter legalidade perante Roma e sua Santidade. O papa, por sua vez, sendo o guardião da Igreja, via esta unidade ser ameaçada por membros de seu próprio corpo, posicionando-se pelo respeito ao concílio e não admitindo que este fosse desrespeitado, pois, se assim ocorresse, seria uma rejeição à sua autoridade<sup>47</sup>.

Durante o longo pontificado do Papa João Paulo II, a preocupação pela justiça continuou a ser expressa, no entanto, alguns dos elementos

<sup>44</sup> SCHREITER, 2002, p. 8.

<sup>45</sup> CALDEIRA, R.C. *Os Baluartes da Tradição: O Conservadorismo Católico Brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: ed. CRV, 2011, p. 30.

<sup>46</sup> CHALET, J.A. *Monsenhor Lefebvre*. Rio de Janeiro: Difusão, 1977, p. 85.

<sup>47</sup> CHALET, 1977, p. 86.

mais progressistas da reforma pareciam estar cada vez mais contidos. Um Sínodo especial foi convocado em 1985 para criar uma espécie de interpretação oficial do Vaticano II. O tema “Povo de Deus” como uma imagem eclesial foi substituído pelo tema da Igreja como “*communio*”, para reafirmar a importância da hierarquia. Um novo catecismo universal foi também desenvolvido e publicado; o primeiro havia sido feito após o Concílio de Trento, para esclarecer o ensinamento da Igreja em meio à pluralidade de vozes e teologias<sup>48</sup>.

Como resultado do Concílio Vaticano II, particularmente em relação a Revelação Divina, este conclama a todos os fieis à leitura frequente da Bíblia, surgindo, a partir de então, estudos bíblicos em paróquias. O lecionário da missa foi totalmente revisado, a fim de fornecer uma maior seleção das Escrituras para a liturgia dominical.<sup>49</sup>

Em relação ao maior envolvimento dos leigos na missão da Igreja, estes passaram a atuar como catequistas, como membros de conselhos pastorais, nascendo, a partir de então, diversos movimentos de renovação, dentre os quais o Movimento de Renovação Carismática, surgido em 1967, envolvendo milhares de católicos, que se reuniam para orações, partilha de fé, cura e transformação. Também surgiram outros movimentos, como o Cursilho e o Encontro de Casais, que trouxeram renovação espiritual para a Igreja e a família, todos liderados por leigos<sup>50</sup>.

Apesar da configuração de avanços e retrocessos, não se pode interpretar os impactos do Concílio meramente como um balanço da euforia para uma visão sóbria e até pessimista, devendo ser ponderado pelo seu caráter inovador. Em verdade, mesmo após pouco mais de cinco décadas desde a sua conclusão, ainda pode ser prematuro tentar mensurar a força dos seus impactos<sup>51</sup>.

<sup>48</sup> SCHREITER, 2002, p. 8.

<sup>49</sup> KOCH; PENNOCK, 2014.

<sup>50</sup> KOCH; PENNOCK, 2014.

<sup>51</sup> O Papa Bento XVI se mostrou favorável a uma visão mais conservadora da Igreja Católica Romana, e por isso, retirou a excomunhão dos lefevristas em 2009. Além desse fato, por meio do *Motu Proprio Summorum Pontificum*, publicado em 2007, a Santa Sé deu liberdade a todos os padres do mundo para celebrarem a missa tridentina, bastando apenas a solicitação de um grupo de fieis que manifestassem interesse na celebração do rito. Em 2017, o Papa Francisco assinalou que existem avanços na normalização das relações com a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), e que

Assim, permanece para a Igreja do século XXI a tarefa de dar prosseguimento ao movimento reformista iniciado no concílio, através de um diálogo crítico e aberto com o mundo contemporâneo, a fim de que este vá além de um fato histórico, tornando-se uma realidade concreta.

Nesse contexto, se o evento do Concílio Vaticano II teve fim em dezembro de 1965, prossegue como espírito em sua atitude ecumênica e pastoral no mundo atual, sendo, “sobretudo um Concílio que se distingue muito mais pelo novo espírito, que pelas novas explicitações da doutrina cristã”<sup>52</sup>. “Em outras palavras, seu espírito novo, sua intencionalidade fundamental é dialogar e abrir-se à modernidade. E atinar e assumir esse espírito continua o desafio para a atual Igreja”<sup>53</sup>.

### Considerações Finais

O Concílio Vaticano II pode ser considerado, sem qualquer dúvida, o acontecimento eclesial cristão mais significativo do século XX, impulsionando importantes transformações no catolicismo, através do seu *aggiornamento*, possibilitando uma nova configuração e atualização da Igreja de Roma, a fim de responder aos anseios do mundo contemporâneo.

A partir do Concílio, a Igreja deslocou seu enfoque centralizador, hierárquico e aristocrático, passando a entender que essa hierarquia deveria estar a serviço dos fiéis católicos, respeitando as diferenças culturais e o diálogo com a diversidade, a fim de universalizar sua doutrina.

---

o trato mútuo é de fraternidade. Ao ser perguntado sobre uma possível reconciliação iminente, o Papa Francisco descartou todo tipo de “triumfalismo”. Indicou que a Congregação para a Doutrina da Fé ainda está estudando um documento. Entretanto, “o estado atual das relações é de fraternidade”, assegurou. Neste sentido, explicou que “o ano passado dava a licença para a confissão a todos eles, também uma forma de jurisdição para o matrimônio”. Além disso, assegurou que “com Dom (Bernard) Fellay temos uma boa relação, falamos algumas vezes. Eu não gosto de apressar as coisas..., caminhar, caminhar..., e logo já veremos. Para mim não é um problema de vencedores ou de vencidos. É um problema de irmãos que devem caminhar juntos procurando a forma de dar passos adiante”. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/o-papa-francisco-explica-o-estado-atual-das-relacoes-com-os-lefebristas-34989>. Acesso em 17 de Maio de 2019.

<sup>52</sup> KLOPPENBURG, B. *A Eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 16.

<sup>53</sup> LIBÂNIO, 2005, p. 35.

Ao reformar a liturgia, se abrir ao diálogo com as demais religiões cristãs e ao episcopado de todo o mundo, a Igreja Católica buscou ouvir e ser ouvida pelos fieis. Apesar de comprometido pela não aceitação de suas diretrizes pela ala conservadora do clero, as marcas do Concílio se fazem sentir até os dias atuais, sendo este considerado uma obra em construção, que vai se consolidando e se legitimando, com avanços e alguns retrocessos, ao longo das suas seis décadas, devido à recepção peculiar em cada parte do globo.

### Referências

- ALBERIGO, G. (Org.). *História dos Concílios ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- ARRAES, V.C. De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 42, n. 165, p. 77-98, 2005.
- AZEVEDO, A.C. Sob ventos de mudança: o impacto do Concílio Vaticano II na oposição dos católicos «progressistas» ao Estado Novo português (1965-1974). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1148-1168, dez. 2011.
- BENQUET, P; CAMDESSUS, C. *A Guerra Perdida do Vaticano II*. [Filme-Vídeo]. Produção de Christine Camdessus e direção de Patrick Benquet. Paris. Canal France 3, 2012. 87 min. Color. Son.
- CALDEIRA, R.C. *Os Baluartes da Tradição: O Conservadorismo Católico Brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: ed. CRV, 2011
- CARLETTI, A. *O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias*. Brasília: FUNAG, 2012.
- CHALET, J.A. *Monsenhor Lefebvre*. Rio de Janeiro: Difusão, 1977.
- GRIGULÉVCH, I. *El papado, siglo XX*. Moscú: Progreso, 1982.
- KASPER, W. *Introdução à Fé*. Porto: Telos, 1973.
- KLOPPENBURG, B. *A Eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- KOCH, C.; PENNOCK, M. *From Vatican II to the present*. 2014. Disponível em: <http://uploads.weconnect.com/mce/f90a34bcd66e597a-5d391005bf1e14a7c70f1d2c/FatherTobinsWritings/PART%20>

- 20% 20FROM% 20VATICAN% 20II% 20TO% 20THE% 20PRE-  
SENT% 20JAN% 202014% 20tp2.pdf. Acesso em: 2 set. 2018.
- LIBANIO, J.B. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. *Cadernos Teologia Pública*, v. 2, n. 16, p. 1-36, 2005.
- MATTEI, R. *O Concílio Vaticano II: Uma história nunca escrita*. 1ª ed. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2013.
- MÉRIDA, V.C.; RESGALA JÚNIOR, R.M. O Concílio Vaticano II e o Aggiornamento da Igreja Católica. *Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico*, v. 1, n. 3, p. 211-40, 2017.
- PAPA JOÃO PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio sobre o Ecumenismo*. 1964. Disponível em [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html). Acesso em: 13 ago. 2018.
- PINHO, A. O Concílio Vaticano II e a Modernidade. *Humanística e Teologia*, v. 34, n. 1, p. 133-42, jun. 2013.
- RENDINA, C. *I Papi. Storia e segreti*. Milão: Grandi Taascabili Economici Newton, 1993.
- SCHREITER, R.J. *The paradox of Vatican II: theology in a new Millennium*. 2002. Disponível em: [https://www.cppsmissionaries.org/download/history\\_and\\_archives/Vatican2.pdf](https://www.cppsmissionaries.org/download/history_and_archives/Vatican2.pdf). Acesso em: 12 ago. 2018.
- SOUZA, N.; GOMES, E.S. Os Papas do Concílio Vaticano II e a Sociedade Contemporânea. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 5-27, jan./abr 2014.
- SOUZA, N.; GONÇALVES, P.S.L. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013.
- WILTGEN, R. *O Reno se lança sobre o Tibre: O Concílio desconhecido*. Niterói: Permanência, 2007, p. 9.
- ZIZOLA, G. *Santità e potere*. Milão: Sperling & Kupfer, 2009.

Submetido em: 21/09/2018

Aceito em: 20/05/2019